



“SOLTANDO AS AMARRAS PARA CONQUISTAR A MINHA LIBERDADE”: RELATOS DE MULHERES SURDAS SOBRE SEUS PROCESSOS EDUCATIVOS

Ivanete de Jesus Rocha
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: ivanete.jrvc@gmail.com

Silvia Regina Marques Jardim
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: silvia.jardim@hotmail.com

45

INTRODUÇÃO

O estudo aqui apresentado está sendo desenvolvido no âmbito do mestrado em Ensino – PPGEN e tem buscado relacionar o campo dos estudos de gênero ao da surdez, com o intuito de investigar e compreender os processos formativos e educativos de mulheres surdas do município de Vitória da Conquista- BA. As protagonistas desta pesquisa são dez mulheres surdas, com idades entre 17 e 27 anos, que estudam ou que já estudaram em escolas públicas do referido município. Para a produção dessas reflexões, partimos das bases teóricas dos estudos surdos e dos culturais em educação, as quais são vinculadas à categoria de análise gênero. A questão principal, que orienta o tema é: como se dá o processo formativo e educativo de mulheres surdas, na educação básica do Município de Vitória da Conquista – BA? Essa questão se desdobra em outras indagações para o entendimento desse contexto: de que maneira as mulheres surdas vivenciam questões de gênero em seus cotidianos? Como avaliam as instâncias de educação escolar no que diz respeito às diferenças de ser mulher e de ser surda? Quais os anseios dessas mulheres em relação à escola e às aspirações futuras? O objetivo geral deste estudo é produzir uma interface entre os estudos de gênero e os estudos sobre surdez, para identificar características dos percursos e trajetórias educacionais de mulheres surdas na educação básica do Município de Vitória da Conquista – BA. Os objetivos específicos estão voltados para a discussão do modo como as mulheres surdas, em suas trajetórias, compreendem os processos formativos e educativos, a partir da categoria de análise gênero. Procuramos estudar práticas de sociabilidade dessas jovens surdas, bem como, buscamos compreender a maneira como elas se posicionam em relação à instituição escolar enquanto mulheres surdas.



A proposta de pesquisa foi pensada com base nas características da cultura surda (KRAEMER, 2012), nas reflexões sobre a história dos/as surdos/as no Brasil, bem como, no conhecimento de algumas lutas enfrentadas pela comunidade em questão e, nos preconceitos que caracterizam o percurso histórico, sobretudo, no que se refere às concepções socialmente construídas do papel da mulher surda (GUEDES, 2012; KRAEMER, 2012; CHIELA, 2012).

METODOLOGIA

A pesquisa procurou seguir a metodologia do tipo qualitativa e de natureza descritiva e exploratória. Para isso, inicialmente, expomos a conceituação de Minayo (1993), segundo a qual as pesquisas desse cunho colaboram para compreendermos as questões mais particulares da vida dos sujeitos e têm a possibilidade de suscitar reflexões e interpretar as relações sociais:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantitativo, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1993, p. 21).

Para a produção dos dados, optamos pela entrevista semiestruturada. Segundo Triviños (1987, p. 146), uma das principais características da produção de entrevista semiestruturada são questionamentos básicos e flexíveis, que levem o/a pesquisador/a conhecer as realidades distintas existentes entre pessoas de um grupo social. Além disso, o autor afirma que esse tipo de técnica “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e compreensão de sua totalidade [...]”. Esse processo permite também que o/a pesquisador/a tenha uma participação atuante e consciente nos procedimentos de coleta de dados (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Os dados foram organizados e, seguimos as orientações prescritas a partir da análise de conteúdo de acordo com Bardin (2011):

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas a adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (BARDIN, 2011, p. 31).



A análise de conteúdo, apresentada por Bardin (2011), possui três etapas para elaboração da análise da pesquisa: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

O conteúdo das entrevistas foi salvo em pastas no computador. Organizamos este material por meio de pastas identificadas com os respectivos nomes das participantes.

Após a organização do material em pastas no computador, realizamos a codificação e sistematização das entrevistas. Esse momento da nossa pesquisa foi um processo que levou tempo e concentração por parte da pesquisadora. As entrevistas foram todas transcritas a partir da tradução da Libras, feita pela intérprete, para o português, organizamos, também, as entrevistas transcritas em pastas no computador. É importante dizer que buscamos interpretar todas as expressões de sentimentos, pois, a comunicação em LIBRAS nos permite perceber com mais intensidade, os sentimentos expressados pelas participantes. Desse modo, provemos as categorias, as quais se tornam a segunda etapa descrita por Bardin. Na terceira e última fase, realiza-se o tratamento dos dados, de forma sistemática, para obtenção dos resultados significativos. Desse modo, tendo em vista que o objetivo da presente pesquisa é compreender, a partir da interface entre os estudos de gênero e da surdez, os percursos e as trajetórias educacionais de mulheres surdas na educação básica, acreditamos que as entrevistas, realizadas com as protagonistas da pesquisa, foram o suporte para a produção de inferências, as quais foram condição fundamental da análise dos dados.

47

RESULTADO E DISCUSSÕES

“Eu fui soltando as amarras para conquistar a minha liberdade”, foi a frase que deu início à resposta para a pergunta: você poderia relatar sobre sua vida escolar na infância? Essa resposta permite várias interpretações e ela também nos permite tecer uma reflexão sobre todas as mulheres que aceitaram compartilhar suas experiências de vida para compor os dados da pesquisa, pois essa frase resume as repostas desse grupo. As respostas a essa pergunta nos permitem afirmar que, durante todo o percurso de educação das mulheres entrevistadas, houve negações de direitos para que tivessem um ensino que respeitasse as suas especificidades, como por exemplo: o direito de se comunicarem por meio da Língua de Sinais.

Realização:



Apoio:





No que diz respeito a essa frase, entendemos também que, esse silenciamento é devido a um discurso dominante, não inibiu as mulheres de conquistarem os seus espaços e se inserirem na sociedade. Mesmo que a elas tenha sido negado direitos, elas trilham um “caminho é lento, tortuoso e complexo devido às inúmeras barreiras discriminatórias com as quais as mulheres têm que lidar em todas as etapas de desenvolvimento de sua vida no trabalho” [...] (MENDES, 2017, p. 4). É fato que, como todo grupo dominado, elas enfrentam muitas lutas, como, por exemplo, as desigualdades de gênero e as normalizações impostas pelo ouvintismo. Ao pensar sobre esses aspectos, remetemo-nos ao que Strobel (2008) afirma:

Um corpo surdo não é apenas um corpo, é muito mais que esqueletos, músculos e peles, é muito mais que vestuários e acessórios, que o enfeitam, não são as expressões biológicas que o definem e sim as representações culturais que a ele se atribuem, relatar o corpo surdo é relatar, também, sua identidade, cultura subjetividade e outros (STROBEL, 2008, p. 79).

Desse modo, entendemos que pensar sobre o corpo da mulher surda é levar em consideração toda a sua trajetória de vida, pois não podemos restringir-nos às questões biológicas para definir quem elas são. Assim, pensar a mulher surda é indagar sobre as várias formas de ser de se viver, as identidades, as culturas e as subjetividades. Ao realizar a nossa primeira pergunta do roteiro: você poderia relatar sobre sua vida escolar na infância? Notamos que as respostas de três das protagonistas do nosso estudo se complementam:

Eu, quando criança, com quatro anos de idade, eu estudava bem pouquinho, não tinha intérprete [...] e era muito cansativo. Eu me sentia desanimada, fazia as atividades, mas não sabia o que estava fazendo direito. Aí o tempo passou e eu não queria ir mais para a escola por causa dos ouvintes que ficavam falando coisas e eu queria sair da escola [...] (Methona Themisto).

Eu sempre estudei sozinha, sou a única surda... com 12 anos comecei a ir para a escola e estudava sozinha [...]. Depois eu fui tendo contato com outros surdos e aprendendo a ler e escrever. Estudei no colégio X, eu não conhecia os sinais. Foi o primeiro contato com a LIBRAS e com outros surdos. Eu saí do colégio X e fui para o colégio Y, nessa escola, tinha uma professora e eu fui tendo contato com outros surdos [...]. (Eueides Isabella).

No passado, quando eu era criança, eu estudei próximo daqui de casa, perto do mercado, uma escola infantil, eu fui aprendendo, mas era chato porque não tinha intérprete e eu ficava [...]. E eu ficava triste [...]. Só copiava [...]. Mas aí depois eu mudei para outra escola aqui [...]. Uma escola municipal, mas também não tinha intérprete [...]. Faltava comunicação e era triste porque eu só pintava [...]. Coisinha



simples [...]. Atividades simples [...]. Ai depois eu fui para o colégio X, lá eu conseguir me desenvolver [...] (Methona Themisto).

As declarações, extraídas das entrevistas, permitem compreender que a inserção da mulher surda no ambiente escolar é, na maioria das vezes, marcada pela “falta” de condições básicas para o desenvolvimento de um ensino efetivo que é o direito à comunicação. É importante dizer que as mulheres surdas iniciam sua vida escolar tardiamente, como percebemos na fala da protagonista Eueides Isabella, que começa a frequentar a escola aos 12 anos de idade, e mesmo assim, ainda se depara com um espaço que não respeita a sua identidade e subjetividade.

49

CONCLUSÃO

A partir dos relatos das protagonistas, pertencentes ao Município de Vitória da Conquista, percebemos as suas realidades no que diz respeito, por exemplo, à necessidade de intérpretes de LIBRAS em alguns lugares públicos, entretanto, demonstramos que essas mulheres surdas não se limitam a esses percalços sociais. Os resultados parciais desta pesquisa evidenciaram que as mulheres entrevistadas enfrentam barreiras para se inserirem nos processos sociais e educacionais, mas são participativas, pois compreendem suas histórias diferentemente dos paradigmas sociais naturalizados e buscam conquistar seus espaços por meio de diferentes estratégias de resistência.

PALAVRAS-CHAVES: Relações sociais de gênero. Surdez. Mulheres. Educação básica.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CHIELA, Vânia Elizabeth. Libras e cultura surda em foco: reflexões sobre identidades culturais. **Educação de surdos: percurso histórico**. São Leopoldo. Ed. UNISINOS, 2012.

GUEDES, Betina S. cultura surda e Libras. **Educação de surdos: percurso histórico**. São Leopoldo. Ed. UNISINOS, 2012.

KRAEMER, Graciele Marjana. Identidade e Cultura Surda. In: **Cultura surda e LIBRAS**. São Leopoldo, RS. ED. UNINOS, 2012.



MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80p.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: **a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

STROBEL, Karin Lilian. Surdos: **Vestígios Culturais não Registrados na História**. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

